

FÉLIX RÉMO

O MISTÉRIO DE
NOSSA
EXISTÊNCIA

AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS
www.autoresespiritasclassicos.com.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

FÉLIX RÉMO

O MISTÉRIO DE NOSSA EXISTÊNCIA

Lançamento original:

Félix Rémo - Le Mystère de Notre Existence

Que faisons-nous sur la terre?

Éditions Jean Meyer (B.P.S.)

8, rue Copernic, 8

Paris – 1938

Tradução: Chrissie Chynde

Revisão da Tradução: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada

© 2021

Distribuição gratuita:

[Portal Luz Espírita](#)

[Autores Espíritas Clássicos](#)



Félix Rémo

**O mistério de nossa existência
O que fazemos na terra?**

**Conferência Popular
Feito pelo autor, na Sociedade Acadêmica
22 de março de 1919**

**Se os pequenos não podem subir até nós,
devemos descer até eles.
É dever dos que sabem esclarecer os que não sabem.
É instruindo as grandes massas que o nível moral das
nações se elevará.**

**PARIS
(1938)**

Através de raciocínios claros e exemplos contundentes, Félix Rémo nos explica a reencarnação, a grande lei universal. Sem ela, não haveria o progresso, a ordem e a justiça. Conseguimos entender nossos sofrimentos e compreender como certos Espíritos encarnados revelam, desde cedo, as aptidões inatas que caracterizam as crianças-prodígio.

Só a lei dos renascimentos podem nos ajudar a adquirir noções superiores: a concepção do bem, do justo, do dever. A educação as desenvolve; mas, é incapaz de incubar tão profundamente as ideias morais no ser.

Graças a misericórdia divina, podemos reencarnar e resgatar os nossos erros, reajustando nossas condutas. Deus identifica as necessidades de cada um de seus filhos a fim de que aprendamos a lei do amor, que é o objetivo maior.

Os tradutores

Félix Rémo

(1838 – 1926)

A bela desencarnação

De certo o foi a do confrade Félix pseudônimo de *Franz Félix Rémo*, ocorrida no último dia de março de 1926, na França, tendo ele nascido na cidade Liège, em 1838. Contava, portanto com 88 anos de idade.

Embora tenha mantido relações, de amizade com Allan Kardec, Camille Flammarion e Léon Denis. Félix Rémo, que era engenheiro de minas, só a poucos anos que se fizera espírita: quando ferido pela rude prova de perder a esposa a quem adorava, depois dela ter ficado cega durante seis anos.

Convertido ao Espiritismo, esta doutrina passou a constituir o objeto quase exclusivo de suas cogitações e meditações, que tiveram por fruto a publicação de numerosos e excelentes artigos nas mais importantes revistas espíritas da Europa, sobretudo na "Revue Spirite Belge", da qual era colaborador assíduo, além da de algumas obras conceituadas, como — *Le Pélegrinage des existences* (1918), *Le Spiritisme Humanitaire* (1922) e *La Traversée de la vie* (1925), e de brochuras de propaganda, dentre as quais se destacam - *Le Mystère de notre existence* (1919). Que foram frutos do seu trabalho e das suas observações.

Dias antes de ele se libertar da prisão carnal, escreveu ele para o gerente da Revista Espírita Belga.

"O Sr. José Lhomme e você vai ter ambos um amigo de menos neste mundo e um a mais no outro. Meus guias acabam de anunciar para muito breve a minha partida e eu lhes escrevo estas linhas, esperando poder do além, transmitir-lhe uma mensagem pessoal. Não me é possível deixar cartas para todos meus conhecidos."

Os espíritos que anunciaram a sua partida foram os seus dois guias familiares, que o fizeram nestes termos:

"Viremos buscar-te aos primeiros raios do sol da primavera, quando as rosas preparam para se desabrochar. Aqui estaremos, para que deixe sem dor o plano terrestre. E vai estar entre nós, sem que tenhas tempo de te aperceberes da passagem."

E assim foi. Félix Rémo se sentiu-se enfermo a 26 de março e a 31 deixou de pertencer ao número dos encarnados sem que ninguém desse por isso.

Seja-lhe cada vez mais ditoso o viver na pátria espiritual, onde tão ditosa foi a sua chegada, tais são os votos que sinceramente formulamos, num impulso de simpatia fraternal.

Revista Reformador de junho de 1926.

O Mistério de Nossa Existência

Conferência Popular

Feito pelo autor, na Sociedade Acadêmica
22 de março de 1919

«Você ficará ainda mais convencido à medida
que sua razão estiver melhor satisfeita»

Pierre Navry

Antes de tudo, eis a minha definição do espiritismo:

Alguma vez vocês já se perguntaram sobre o propósito misterioso de nossas existências; o que viemos fazer neste mundo; se a nossa vida é apenas uma fantasia da criação, ou se tem alguma razão de ser e um propósito?

Alguma vez vocês já se perguntaram o porquê de toda essa agitação ao nosso redor; qual seria o propósito de tudo que nos rodeia e que nos leva, sem que tenhamos qualquer controle, para a grande vida do mundo em que vivemos; e finalmente, qual o mistério que se esconde por trás do problema da morte?

Alguma vez vocês já se preocuparam com o destino de seus entes queridos que partiram? Acreditam que nunca mais vão vê-los? Que o

Criador nos tenha feito afeiçoar tão profundamente, somente para tirá-los tão rapidamente?

Podemos admitir que Deus deu a vida ao homem, esta máquina maravilhosa, para depois destruir sua obra? Podemos aceitar um Criador destruindo sua criação como um pai que condena seus filhos?

Nossa vida tão curta nos teria sido dada com tantas promessas para se extinguir para sempre pela morte, onde todos os nossos sonhos morrem?

Essas são as perguntas que responderei. Este é o objetivo desta conferência: de levantar o véu que cobre nossos olhos e esconde as razões.

Primeiramente, façamos um rápido passeio pelas profundezas vertiginosas do infinito.

Se vocês deixarem a Terra, projetarem-se ao espaço como uma bala de canhão, com a velocidade da luz e da eletricidade, que é de 300.000 quilômetros por segundo e vocês forem direto, por cem anos, mil anos, cem mil anos, atravessando centenas de bilhões de lugares, chegando às estrelas mais próximas, ultrapassando-as e atingindo a Via Láctea, que é uma grande aglomeração de estrelas, como a praia é tão somente uma aglomeração de muitos grãos de areia, depois que vocês ultrapassarem, vocês perceberão, até perder de vista, outras estrelas e outras via lácteas. Continuem atravessando o espaço durante anos, séculos, este infinito gigantesco recuará infinitamente perante você; todos esses mundos que confundem a imaginação e que desafiam os números, preenchendo as profundezas do espaço, cheio de sóis, assim como o nosso, e de outros sistemas solares com seus planetas. E não se esqueçam de que as centenas de

milhões de lugares são separadas uns dos outros.

A astronomia já classificou 40 milhões; se ela tivesse classificado 40 bilhões, 400 bilhões, daria no mesmo. Não podemos formar uma ideia deste infinito insondável. Acreditamos possuir os telescópios mais poderosos, mas eles apenas revelam o céu como um mar de fogo, como uma enorme cascata de luz formada por inúmeros sóis, de vias lácteas, como cúpulas de fogo, escondidas umas atrás das outras, formando esse insondável e misterioso oceano, sempre fugidio. É o infinito!

Deste infinitamente grande, desçamos agora para o infinitamente pequeno.

Atualmente, construímos os microscópios que ampliam milhares de vezes; e de onde não víamos nada, descobrimos mundos.

A minúscula gota d'água que cabe na ponta de uma agulha, é um oceano em que agora, percebemos milhares de seres vivos. Cada gota de nosso sangue tem bilhões desses seres.

Cada milímetro cúbico de ar contém dez milhões de átomos que se movem em todas as direções.

Quanto mais aumentamos o poder de nossos instrumentos por novas descobertas, telescópios ou microscópios, mais aumentamos os limites do infinitamente grande e do infinitamente pequeno. E tudo é habitado; então, queremos saber porque esses mundos foram criados. Você não constrói uma casa para deixá-la vazia. Desde que a vida é possível, a veremos nascer.

Peguemos uma rede de pescar limpa, você não vai descobrir nenhum traço de vida. Abandone-a por 8, 15 dias; ela se cobrirá com uma manta, como um planeta se cobre de vegetação. Este bolor tem muitas manifestações da vida. Examine-o com uma lupa, vocês verão

continentes, montanhas, desfiladeiros, lagos, florestas e logo uma população de seres de todos os tipos. Essa rede é para seus habitantes, um mundo completo como o nosso. Nada escapa à lei da vida; não existe nenhuma criação material, inorgânica, não existe nenhum objeto, senão para servir à criação orgânica, ao desenvolvimento, à evolução animal e humana. O deserto não existe, a vida está em toda parte, quer a vejamos ou não.

Essas manifestações da vida ocorrem universalmente seguindo as leis de uma sabedoria imutável, fazendo mover todo esse infinito com uma ordem perfeita que nos dá um espetáculo de grande harmonia.

Perante essa obra admirável, colossal, usem a razão, o julgamento, vocês, por um momento, poderiam admitir que todas essas maravilhas sejam os resultados do acaso?

Não. Nada é devido ao acaso, nada se cria sozinho. Em todos os casos, é preciso haver um Criador. Existiria uma máquina que se fabricaria sozinha e se colocaria a trabalhar sem o mecânico? Já viu um campo cultivar-se sozinho, sem o arado, sem o trabalho do agricultor, sem sementeira? Se a existência de um relógio prova a existência do relojoeiro e se um palácio requer um arquiteto, como o universo não iria requerer também uma inteligência criadora superior?

Ficamos desconcertados pela grandeza Daquela que criou esta magia, esta obra vertiginosa. Contemplando a grandeza da criação, surpreendemo-nos com a grandeza do Criador. Essa mão poderosa, desse ser Invisível, desse grande Desconhecido que criou e que dirige os mundos, é o que chamamos Deus. Nós não sabemos como Ele é, não podemos concebê-lo, mas sabemos que Ele está em toda parte,

como a luz. E se todo este universo, grande e pequeno, é sua obra, que poder colossal Ele não deve ter?

Como admitir que essa imensa grandeza possa existir sem haver, por sua vez, a infinita e imutável Justiça? Sem ela, teríamos o caos, pois o equilíbrio não seria possível sem a Justiça.

E então, observando todas as belezas, todas as maravilhas da criação, poderíamos supor que o artista dessa grande obra tenha feito a humanidade de forma que esta estivesse sujeita ao acaso e injustiças?

No entanto, o que vemos ao nosso redor? As desigualdades e as injustiças em todo lugar.

Por que existem mendigos e milionários, por que alguém nasce em berço de ouro e outro em uma favela?

Por que uns pelo seu nascimento, recebem as honras, a riqueza, o bem-estar, o luxo, as mais altas honras sociais, enquanto outros nascem na pobreza, trazendo como herança da vida, apenas lágrimas e dor?

Por que alguns passam a vida trabalhando e outros no ócio?

Por que existem escravos e vítimas ao lado de príncipes e potentados?

Por que a diversidade de raças, os negros e os brancos, os selvagens e os povos civilizados?

Por que os homens de gênio e os ignorantes, os brutos, os loucos?

Por que uns são afortunados e tudo sucede de acordo com seus desejos, enquanto outros são perseguidos por um azar implacável?

Por que alguns cheios de vida e saúde ao lado de seres sofredores, doentes, desgraçados da Natureza?

Por que, por exemplo, na mesma família, uma irmã é bela e a outra é

feia; um rapaz bem feito e seu irmão corcunda ou coxo? Por que a existência de cegos, de surdos-mudos?

Por que os horrores da guerra; por que os poderosos têm o direito de enviar para a morte milhões de homens e arruinar seu país, quando eles mesmos vivem festejados e gloriosos e morrem tranquilamente em suas camas?

Por que os crimes impunes e pessoas inocentes são condenadas por crimes que não cometeram?

Por que um homem que trabalhou toda a sua vida, perde suas economias em um instante, por roubo, incêndio ou outra coisa, um dinheiro laboriosamente adquirido, enquanto que os malfeitores desfrutam em paz as suas depredações?

Mas sem ir tão longe, vejam o mal e as injustiças que vocês mesmos foram vítimas?

Para que praticar as boas ações, os sacrifícios, a caridade, a devoção? Se só vivemos uma vez e a vida é desse jeito, não devemos considerar que a vida é cheia de injustiças flagrantes?

Podemos admitir essas cruéis desproporções, imagem de uma mão que distribui a sorte e o azar ao acaso?

Devemos, quando perdemos um ente querido, dizer: é para sempre! Isto tudo é compatível com um Deus de infinita bondade, de justiça infinita; um Deus que inventou tal tortura, que nos dá anos de felicidade para nos fazer sentir mais intensamente a crueldade da separação?

Mas, se nos é dito, ao contrário, que ao lado desse quadro sombrio, que nós reencontraremos todos eles; que existe por trás de tudo isso, algo que não compreendemos o grande mistério da Justiça Reparadora que nos escapa...

Se viessem nos dizer: Não, o homem não foi criado para esta curta passagem na vida. Esta vida é apenas uma etapa em uma sequência de existências numerosas, passadas e futuras. Essas vidas são separadas por períodos de repouso e contemplação em outro mundo, que é o verdadeiro lar das almas.

Por que viveríamos só uma vez? Somos compostos de um corpo, simples máquina humana, e de uma alma que anima e dá vida. O corpo mortal é temporário, recebemos e o abandonamos. No entanto, a alma é imortal. A morte é apenas a partida da alma carregando com ela, o pensamento, a vida, a consciência; quando este corpo está usado, serviu de vestimenta na Terra, o abandonamos como fazemos com uma vestimenta velha.

O que impede a alma de retomar uma outra, dez outras, cem outras vestimentas para percorrer uma série de existências?

Como se habitássemos um vale, nossa visão estaria circunscrita pelo ambiente, acreditaríamos que a Terra resumiria a nossa vida. Que se escute a voz da razão que lhe grita do alto da montanha mais alta: venha para onde estamos, seus pontos de vista expandirão, vocês perceberão o belo panorama da Natureza.

E assim, como os telescópios têm expandido o significado de nossas percepções, ampliando e elevando nosso pensamento às alturas; acompanhem as descobertas maravilhosas que estão sendo feitas todos os dias nesta área.

Se ainda disséssemos isto: Deus criou todos os seres iguais no começo e lançando-os na vida, com a missão de aprender, de se purificar, de elevar seu nível moral, de subir a escada do progresso de vida em vida, até chegarmos ao cume do conhecimento e da perfeição moral! Quando chegarmos lá, poderemos desfrutar em paz de um descanso e felicidade sem fim, onde o nosso papel é ajudar os nossos irmãos em suas vidas, assim como outros fizeram por nós

quando estávamos lutando de vida em vida.

Da mesma forma que um trabalhador honesto, na noite de sua vida, desfruta dos bens que amealhou através de um paciente trabalho de muitos anos e ajuda aqueles que estão lutando com seus conselhos e experiência.

No final de cada vida, o homem deixa a prisão da Terra, porque o período que ele passou dentro do corpo é uma verdadeira prisão temporária; então, ele se encontra em um outro mundo, cara a cara com a sua consciência, que estava adormecida, mas que acorda neste momento e se torna um juiz. Ela mostra-lhe os defeitos, traçando a sua trajetória de vida. Ele vê o mal e o bem que fez. Ele será punido duramente em uma existência subsequente; é julgado por si mesmo, por sua própria consciência, que impõe um veredito de expiação e reparação na próxima existência.

E então, o inferno, a única verdade, a única justiça. A expiação é proporcional às faltas cometidas e não um inferno de chamas eternas, que seria uma punição fora de proporções e sem qualquer justiça, independente do pecado cometido, e que a Igreja há muito tempo explicou como uma imagem simbólica e não como uma realidade.

Na verdade, o que vocês diriam de um pecadilho inocente, por exemplo, uma criança que rouba uma maçã em um campo, ela deve ser condenada à morte? E se nós nos horrorizamos perante tal monstruosidade, o que é uma sentença de morte ao lado do fogo eterno? E tal punição poderia ser proporcional a algum pecado? Existiria na Terra um crime tão grande para justificar?

Podemos imaginar que Deus seja menos bom que o homem e que tenha concebido um castigo tão cruel? Então, isso seria a negação da sua Justiça, sendo que Ele é a própria Justiça. Na verdade, o Inferno não existe e foi inventado apenas como espantalho.

Não, o inferno está em nós, no remorso que impomos as nossas consciências e o veredito de expiação e reparação que nos condena a sofrer. É uma dívida que pagamos, mas uma dívida justa, sem usura, e nada é cobrado além do devido.

Antes de reencarnar, ou seja, de entrarmos em um novo corpo para começar uma nova vida, preparamos o meio e as condições mais favoráveis, de acordo com as provas escolhidas e as reparações impostas.

O criminoso, o conquistador expiará pelos sofrimentos proporcionais ao número de vidas que são necessárias. Aqueles, porém, que tiveram uma vida correta, que fizeram o bem e cumpriram seus deveres humanitários para com seus semelhantes, passarão por existências mais suaves, mais felizes, onde continuarão a progredir moralmente e adquirirão conhecimentos de todos os tipos. Então, vocês dirão: este homem que tudo venceu, recolhe o fruto de suas virtudes.

O mendigo foi um mau rico, o homem que foi vítima de crueldades foi um criminoso. Esses infelizes, esses miseráveis, esses deserdados pagam alguma dívida terrível. Esta mulher expia através de seus defeitos físicos, uma vida de orgulho. Este homem assassinado foi ele mesmo um assassino em outra vida. Esta jovem, mãe enganada, abandonada, fez a mesma coisa em uma de suas vidas passadas. Todos estão pagando resgates para repararem os danos que infligiram aos outros. Essas pessoas perseguidas, foram perseguidoras, e os suplícios que vemos não passam de justa retribuição imposta às pessoas que, poderosas em uma outra vida, impuseram sofrimento aos outros.

Cada um deve compreender que sua vida atual é o resultado de escolhas que fez antes de encarnar, antes de nascer, e ele deve assumir com resignação, como um castigo, uma expiação ou

reparação de seus erros e de seus desvios passados, todas as infelicidades e sofrimentos que lhe acontecem e que lhe parecem injustos.

Então, se vocês examinarem todos os casos, um por um, vocês verão que não há nenhuma injustiça e tudo é efeito de uma causa anterior.

Estejam certos de que esses assassinos, traidores, ladrões e tiranos pagarão suas dívidas. As pobres vítimas, em vez disso, desfrutarão de uma existência pacífica, onde tudo será mais fácil e serão recompensadas pelas injustiças que sofreram.

Permitam-me, para melhor esclarecer, estabelecer um ponto de comparação.

Um criminoso nos ataca, nos rouba. Nós não podemos ou não queremos nos defender e nos contentamos em dizer: ele será punido depois!

Este criminoso chega em um lugar onde ele é desconhecido. Essas pessoas o acolhem, e ele pratica o mal novamente. Ignorando o seu passado, o tomam por um homem honesto e mais uma pobre vítima, clama por justiça.

Sofrendo o que fez sofrer. É a punição legítima onde pessoas foram incumbidas de infligir. Que ele pague em outro lugar, tem-se dito! Bem, ele veio reparar aqui e nada fez além de pagar a sua dívida.

Como sempre, nunca entendemos os efeitos sem conhecer as causas; e não podemos, de fato, nunca julgar com certeza, algo sem saber o que motivou.

Não é verdade que se as coisas fossem realmente assim, vocês começariam a compreender que não há injustiça?

E por que não poderia ser assim? Será que formulamos uma teoria mais bela que a realidade? Será que concebemos algo, que Deus

mesmo não conseguiria conceber e que imaginemos que isso seja até melhor do que Ele conceberia? Não, não é mesmo? Não temos tal presunção.

Se sonhamos tudo isso, como acabamos de expor, é porque é realmente assim. As coisas são mais organizadas do que imaginávamos, e não existem injustiças.

Não podendo julgar o que não vemos, nossos pontos de vista não vão longe para compreender que uma suprema sabedoria organizou tudo, mas tudo que nos parece inexplicável se esclarece gradualmente e darei as provas.

Desde os primeiros tempos, essas provas não cessaram de se manifestar, mas é principalmente depois de quase um século que os estudiosos de todos os lugares, impressionados pela frequência de certos fenômenos, começaram a observar. Eles se reuniram para os estudarem juntos e chegaram à conclusão natural que estabeleceria a realidade desses fatos.

Portanto, eu lhes disse que a alma é imortal e que o outro mundo é que é o mundo real e que aqui é apenas uma terra de provas e expiação. O ser progride de vida em vida, crescendo constantemente até a perfeição, quando não é mais obrigado a voltar a reencarnar, permanecendo na grande pátria, e nós, aqui embaixo, somos os exilados temporários.

Agora, vocês objetarão: mas se eu já vivi antes, como não me lembro de nada?

Todas as nossas vidas anteriores são reveladas quando estamos na vida normal, no outro mundo, mas encarnando na Terra, as lembranças ficam nebulosas, abafadas pela carne. Da mesma forma que no estado de vigília, nos lembramos de tudo que fizemos desde a infância. No sono, em sonhos, vemos as circunstâncias presentes do sonho e não lembramos de nossa vida de vigília.

Bem, nossa vida na Terra é absolutamente como um sonho, em comparação a nossa existência no outro mundo, que é a verdadeira vida, sem as vicissitudes terrenas. É por isso que existe o ditado: a vida é um sonho, um vale de lágrimas, a felicidade não existe na Terra.

Deus não quer que lembremos, para nos deixar exercer a liberdade. Ele não quer que lembremos do que sofremos em outra existência, a lembrança de um passado muitas vezes penoso e por vezes doloroso, viria a atrapalhar nossa existência presente; do passado, temos lembranças que devemos estar felizes de esquecer, porque toda a vida presente é um progresso sobre a anterior. Nossas vidas anteriores devem ter sido inferiores porque se estamos encarnados é para reparar, expiar e progredir. É bom que seja assim, o arrependimento não nos pesa tanto dessa forma e não nos sentimos envergonhados frequentemente, para que não pese sobre nosso livre-arbítrio.

Vejam, por exemplo, como nos revoltaríamos se tendo desfrutado das riquezas e honras, tivéssemos optado por uma existência de miséria para redimir faltas cometidas. As vítimas procurariam seus algozes. A vingança, as retaliações, as reivindicações de todos os tipos perturbariam a nossa vida presente. Muitos fazem desta vida a continuação da outra, perpetuando os erros ao invés de corrigi-los. Eles se envolveriam nos assuntos de seus descendentes. Outros seriam perseguidos por um remorso perpétuo e os suicidas, passariam a vida temerosos de sua dívida a pagar por um passado culposos!

Sem ir tão longe, quantas lembranças ruins não desejaríamos esquecer de nossa existência atual, que são obstáculos para a nossa paz interior?

Existem muitas outras razões ainda, mas nos levaria muito longe.

No entanto, existem pessoas que o passado gravou uma forte impressão, que eles têm uma lembrança vívida. Foram coletados milhares de casos, mas mencionaremos apenas alguns.

O Journal Littéraire de 1864 relatou que Métry, esse autor tão conhecido, lembrou-se perfeitamente de ter participado da guerra gaulesa com os romanos. Ele reconheceu os locais onde havia acampado, os campos de batalha onde havia combatido. Ele se chamava Mincius. Um dia, estando no Vaticano, foi recebido na biblioteca por clérigos que como não sabiam francês e começaram a falar com ele em latim, a linguagem do Vaticano. De repente, como um retorno de memória inesperado, essa reminiscência da linguagem veio a ele com tanta naturalidade que ele começou a falar em latim tão bem quanto falava o francês.

Sabemos também que muitas crianças falam em uma língua que não aprenderam, como veremos mais tarde.

Lamartine conta em Viagem ao Oriente, que estando na Terra Santa, onde nunca havia estado antes, ele reconheceu o vale de Térébinthe e o campo de batalha de Saul.

Em Sephora, ele apontou para uma colina encimada por um chalé arruinado como o lugar de nascimento da Virgem, depois ele reconheceu o túmulo dos Macabeus e outras lembranças, todos os detalhes perfeitamente exatos. Além de desses fatos relatados terem sido verificados e controlados tanto quanto foi possível, fornecem provas irrefutáveis.

Sr. Horster tendo perdido uma filha chamada Maria, parte de

Effingham que ele habitara e passa a se estabelecer em Dakota, onde ele teve novamente uma filha chamada Nellie, mas que insistia em querer ser chamada de Maria, dizendo que era o nome que ela já tinha tido em outra vida.

Alguns anos mais tarde, o Sr. Horster tendo que viajar para Effingham, levou junto sua filha. Uma vez lá, Nellie pede para visitar a escola que Maria frequentou e dirigindo-se sem hesitar para a carteira que Maria ocupava disse: "Eis a minha!", o que era verdade. Ela era a reencarnação de sua irmã Maria.

O filho do príncipe, Emile W., uma criança de 3 anos, estava brincando no escritório de seu pai, quando ouvindo falar da Inglaterra, o príncipe pergunta se ele sabia o que era essa palavra.

- Oh! Sim, disse a criança, é um país que morei há tempos atrás.
- Você era pequeno, como agora?
- Oh, não! Eu era mais velho.
- A mamãe e eu estávamos lá também?
- Não, eu tinha outro pai e outra mãe.
- E o que você fazia?
- Eu brincava bastante com o fogo, e uma vez me queimei tanto que morri.

O que dizer de um viajante que em sonho viu uma cidade que lhe parecia tão familiar que ele reconheceu as ruas, os monumentos e foi de olhos fechados a uma casa antiga em uma rua isolada, que lhe parecia ter vivido por muitos anos?

Um dia, chamado a ir a Itália a trabalho, ele chegou em uma cidade que ele reconheceu de imediato, como se fosse a lembrança desse sonho; lembrou-se de tudo, os sinais pareciam familiares e ele os

compreendia, embora não soubesse italiano. Ele foi direto para uma casa antiga. Foi para alugar. Pediu para visitá-la. Então, lembrou-se de um escritório bem escuro com uma pequena janela aberta, de onde o rio e as montanhas podiam ser vistos. Entrou no escritório sem hesitar e encontrou tudo de acordo com suas memórias.

Detalhe curioso: havia, por cima da porta, um nome apagado que fez seu coração bater rápido. Sem dúvida, esse nome tinha sido seu em outra vida, quando viveu nesta casa.

O reverendo Forbes, muito conhecido na Inglaterra, visitando Roma pela primeira vez, reconheceu todos os monumentos e foi direto para as Catacumbas. Tivoli parecia-lhe familiar como se ele tivesse sempre morado lá.

Encontrando-se em uma excursão perto de Leatherhead onde ele nunca havia estado antes, alguém comentou que deveria existir ao redor uma antiga estrada romana. Sem hesitar, ele respondeu: "Eu sei onde ela está", e ele conduziu seus companheiros. "Tive, disse ele, a sensação de me encontrar na mesma estrada, a cavalo, usando armadura."

A poucos passos de distância havia uma fortaleza romana em estado perfeito de conservação. Um clérigo que desejava visitá-la, pede ao reverendo Forbes que o acompanhasse. O reverendo lembrou-se de ter vivido no lugar, que tinha ares de uma igreja, nos dias de ocupação romana. Especialmente, ele insistiu em visitar uma torre, no topo da qual havia um buraco em que era costume se colocar um mastro, na verdade, encontraram o buraco indicado.

Recentemente, amigos de uma menina que era habitante de Bordeaux, estavam incumbidos de levá-la para visitar seus parentes

em Valladolid. Mal tinham passado Irun, a fronteira, ela disse: "Nós vamos ver uma grande cruz." E de fato, o trem passou na frente de uma grande cruz.

Um pouco mais adiante, ela disse: "Havia casas queimadas aqui." Elas não existiam mais, é claro, haviam sido substituídas por casas novas, contrastando com as da aldeia.

Além disso, ela chamou a atenção de seus companheiros falando de um grande aqueduto romano que logo apareceu. "Ah! Estamos perto de Burgos", disse ela. "Vocês vão ver que bela catedral!" E ao longo do caminho, ela detalhou os pontos turísticos que iríamos encontrar.

Finalmente, entregando a menina a sua tia que estava à espera, seus companheiros disseram que a menina tinha entretido-os com as descrições dos locais e detalhes curiosos da estrada.

- Como! disse a tia, ela nunca esteve aqui antes Bordeaux.

- "Estive sim, tia!" exclamou a garota, "eu já vi isso muitas vezes, mas há muito tempo!"

Eis aqui um caso de reencarnação com recordação, que aconteceu em Rangoon.

Em 1903, morreu perto das redondezas, o prefeito de Weloch. Em 1919, uma criança de 3 anos de idade disse a seu pai, com uma seriedade incomum para sua idade, que ele tinha sido o prefeito de Weloch e estava novamente encarnado. Então, ele começou a descrever com detalhes, a residência do juiz falecido, acrescentando minuciosamente a enumeração de suas atividades, chegando até a mencionar o número de cavalos que possuía. Tudo com uma segurança e documentação que não se poderia esperar de uma criança de sua idade.

Ele contou como havia morrido no lago Meitktcica junto com outras

duas pessoas.

Todos esses detalhes eram rigorosamente exatos e a criança nunca tinha ouvido falar do falecido.

Recentemente, outro caso dessa natureza também ocorreu na Índia. Um jovem de 15 anos, chamado Ram, havia imaginado um plano diabólico para levar seu pai a uma emboscada e assassiná-lo. Mas no momento em que ele ia golpear o pai, um cipaio que estava passando, deu-lhe um tiro.

Cerca de um ano depois do ataque, a mãe dá a luz novamente a um menino que à idade de 4 anos, disse uma manhã: "Mãe, eu sou o Ram, voltei para o mundo para reparar e expiar".

Não seria melhor se ele tivesse esquecido essa lembrança?

O poeta disse: o esquecimento é uma bênção de Deus!

Muitas vezes, acontece de perdemos uma criança jovem, que nasce pouco depois como a reencarnação da primeira.

Vou terminar esses exemplos com um caso que tive conhecimento pessoal. Dois seres desconhecidos um do outro se encontram, apaixonam-se, casam-se e adoram-se. A cada dia, eles descobrem coisas em comum. Eles se apelidam com nomes afetuosos que acreditam terem tido. Os detalhes de sua maneira de ser os comovem como se já se conhecessem. Os mesmos pensamentos os levam a um passado que não lhes parece estranho.

Um dia, durante uma viagem, eles passam por uma cidade que reconhecem, que lhes parece familiar. Um banco atrai a atenção deles e os anima. Eles recordam de muitos outros detalhes de uma

vida já vivida. Só tinham revivido um laço antigo. Este casal era muito conhecido em Paris.

Agora, vamos a outro caso igualmente fértil em provas.

Vemos todos os dias aparecerem entre nós as crianças, verdadeiros prodígios, maravilhosos, sem ter aprendido antes os conhecimentos que levaria uma vida inteira para adquirir. Mais uma vez, os exemplos são tão numerosos que devemos nos limitar a mencionar apenas alguns.

O retórico grego Hermógenes ensinou, com 5 anos, a retórica para o imperador Marco Aurélio.

Pierre Lamoignon, com essa mesma idade, compôs versos gregos e latinos e conhecia profundamente o estudo do direito.

O famoso Saunderson, cego, estava familiarizado antes da idade de 20 anos, com os clássicos gregos e latinos e foi aos 25 anos, professor de matemática e física na Universidade de Cambridge, expondo todas as maravilhas da luz, do espectro solar, do arco-íris, etc, que ele se recordava.

Baratier falava e escrevia francês, alemão, latim e hebraico, que ele traduziu, com a idade de sete anos, quatro volumes da biblioteca Rabínica, de um grande volume de dissertações.

Ericsson, o engenheiro sueco, com 12 anos era inspetor do canal marítimo da Suécia, e tinha 600 trabalhadores sob suas ordens.

Pascal com 13 anos, sem estudo prévio reconstituiu toda a geometria.

Mozart deu concertos com 4 anos, regendo uma orquestra com 5 anos e aos 12 anos, a ópera Bastien e Bastienne, que a Opéra Cômica de Paris, reprisou em 1900.

Toda a Europa aplaudiu o virtuosismo dos violinistas Theresa

Milanollo e Paganini, que com a idade de 5 anos, surpreendeu o mundo.

Havia pianistas que improvisavam em público com a idade de 2 anos.

Mais recentemente, um jovem escravo negro de Havana, cego e ignorante, que nunca havia ouvido falar de música, ouviu uma melodia tocada em um piano da casa de seu senhor. Então, a música terminou e ele dirigiu-se tateando no escuro, movido por uma atração instintiva para o piano, e com uma facilidade absolutamente natural, como se ele estivesse acostumado, começou a reproduzir nota por nota, o que tinha acabado de ouvir, sem ser capaz de controlar um sentimento de intensa alegria, como se tivesse encontrado um inestimável bem perdido.

Rembrandt, Colette Patinger, Robert Tinant desenhavam como mestres antes de saberem ler.

Rafael, aos 14 anos, já pintava divinamente. Giotto, que não passava de um humilde pastor, fez em sua infância o retrato a óleo de seu pai e sua mãe. O professor Michelangelo, ainda muito jovem, disse que não poderia ensinar-lhe mais nada.

Van Kerckof, morreu em 1873 com 10 anos, e deixou cerca de 300 passagens de grande profundidade melancólica que jamais os artistas antigos ou modernos foram capazes de escrever.

Jeanne Maude publicou aos cinco anos uma coleção de monólogos.

O grande escultor italiano Righetti começou a esculpir com apenas 10 anos. Criou a La Madone et l'Enfant, sua última obra, com o toque sublime da arte.

Harry Dugan, o mais famoso vendedor ambulante, nos Estados Unidos, enriqueceu pelos grandes negócios que fazia e não tinha nem 9 anos.

Poderíamos citar dez, cem vezes mais, e ainda outros casos mais

surpreendentes, mas isso é o suficiente para compreender que todos esses gênios são, sem dúvida, os reencarnados que não precisam aprender, porque eles se lembram: provas marcantes de existências anteriores, nas quais foram gradualmente adquirindo esses talentos que trazem consigo em suas novas vidas, porque em suas vidas atuais, não tiveram oportunidade de aprender.

Essas habilidades precoces, essas vocações irresistíveis, feitas de ideias, por vezes, abstratas e bem acima da sua idade, não podem surgir a partir do nada. Elas não podem ser senão uma manifestação impressionante de um capital intelectual laboriosamente conquistado anteriormente.

Vamos agora discutir as provas experimentais.

Fatos estranhos vêm, de vez em quando, à tona como vamos descrever:

O príncipe Wiszninwsky, estando em viagem com o príncipe Gallitzin, andando em uma rua, encontrou uma garota vestida com trapos e faminta, vivendo como mendiga e prostituição. O príncipe Gallitzin, um bom magnetizador, percebendo a expressão estranha nos olhos da infeliz, teve a ideia de a hipnotizar. Ele se ofereceu a dar-lhe o jantar e eles a fizeram ir ao seu hotel. Uma vez dormindo, ela exclamou que tinha uma terrível confissão a fazer. Na Itália, em sua última encarnação, ela foi condessa de... (deixaremos seu nome anônimo pois é conhecido) e vivia em um castelo. Ela era arrogante, cruel e de má conduta. Seu marido morreu do que se acreditava ser um acidente, mas ela contou que subiu com ele em um rochedo e no topo deste, ela o empurrou ao abismo.

Todo mundo pensou que a desgraça e crime desta grande dama ficaria impune. Contudo, ela teve que expiar, reencarnando em

extrema pobreza, sendo que sua comida era tão somente restos. Ela implorou a misericórdia.

Como ela deu detalhes muito específico, os viajantes foram até o local onde o incidente ocorreu e encontraram um senhor idoso que contou que quando ele era criança, muitas vezes ele ouviu falar sobre esse drama e que ele poderia mostrar a rocha de onde o conde tinha sido empurrado. Ele acrescentou que muitas pessoas suspeitavam da condessa, mas não havia nenhuma prova, e ela não foi condenada.

Então, se conservamos a lembrança de nossas vidas passadas, como seria a condição mental dessa pobre infeliz? E quantos casos não encontramos que não são apenas a repetição de casos como este? Existem outro caso também bem conhecido, de um mendigo pedindo caridade à porta de um castelo, onde ele tinha sido o proprietário em sua existência anterior, e seus antigos escravos muito infelizes, eram agora seus mestres cruéis.

Muitos outros fatos semelhantes foram coletados por vários autores bem conhecidos formando atualmente uma vasta literatura.

Por sua vez, o coronel Rochas, diretor da Escola Politécnica, fez com vários estudiosos, experiências e descobertas que foram o tema de um livro admirável, intitulado *As vidas sucessivas*.

Certamente, disse ele, que por meio de processos magnéticos, podemos provocar as fases de letargia, os estados de sonambulismo, em que a alma parece se soltar aos poucos de seu corpo. Então, ela mergulha em outro mundo, sua memória aflora e ela vê todas as suas vidas passadas.

Nesse estado, podemos levá-la a uma determinada época, dizendo por exemplo: você tem 10 anos, ou 20 anos (qualquer idade). O que você estava fazendo nesse dia?

Da mesma forma, podemos emitir sugestões que levem aos estados de encarnações anteriores, atravessando os intervalos que separam

essas encarnações, intervalos passados em outro mundo entre duas vidas.

Quando se diz à pessoa: “você tem tal idade”, ela se encontra nessa idade, a pessoa parece reviver aquele momento de sua vida e o descreve minuciosamente.

A voz varia de acordo com a idade. Se for uma menina e se dissermos: "você tem dez anos", ela fala de suas bonecas; se levamos aos dois anos, ela balbucia com dificuldade. Se pedimos para escrever seu nome aos 8 anos e depois aos 20 anos, a escrita no primeiro caso é hesitante, e depois, aos 20 anos, torna-se mais firme.

Se for dito: "Você não nasceu", a pessoa descreve sua vida no astral, isto é, em outro mundo. Retrocedendo ainda mais, encontra-se encarnada em uma outra existência, em seguida, encontra-se no astral e depois novamente em uma terceira existência, e assim por diante. Podemos retroceder, para algumas pessoas, até sua 11ª vida.

Em cada um, tomamos notas da data, o nome, o lugar habitado, as ocupações e todos os detalhes que possam ser verificados para não deixar nenhuma dúvida sobre o assunto, nas condições em que foi dito.

Às vezes, retrocedendo algumas vidas passadas em outros países, as pessoas hipnotizadas começam a falar a língua do país e não compreendem mais as perguntas que são feitas em francês. Uma vez despertas, essas línguas lhes são totalmente estranhas e elas não sabem nem uma palavra. Essas experiências têm se multiplicado em todos os países, e não deixam nenhuma dúvida sobre a pluralidade das existências.

Isso me lembra que devo mencionar uma palavra que é o terror dos vivos: a morte. Contudo, a morte deveria ser considerada como a

hora bendita da libertação. Na realidade, ela não existe; é apenas um acordar depois de sonhar na vida. Esta vida é como uma prisão para nós, cuja morte nos abre a porta para encontrarmos a liberdade, para voltar ao outro mundo.

A morte é o renascimento eterno, enquanto que o nascimento é uma prisão. Uma visão consoladora do amor e da paz nos espera em outro mundo. As almas temerosas perseguem os falsos terrores que lhes fazem temer a ira celestial. O Céu não exerce nenhuma vingança contra os seres que ele criou. Em vez de um justiceiro armado com uma espada e uma tocha, na hora da libertação, vocês vão encontrar os rostos sorridentes e amorosos de seus entes queridos que vêm recebê-lo de braços abertos, no limiar de sua nova vida.

Morrer é, como para o pintinho, quebrar a casca de sua prisão para nascer a vida.

Os mortos não estão ausentes, mas invisíveis, como as estrelas do céu que vocês não veem à luz do dia, no entanto, elas estão lá. Nós nunca estamos sozinhos. Aqueles que vocês acham que partiram estão perto de vocês para os protegerem; eles leem seus pensamentos e os ajudam dando suas sugestões.

A vinda da morte é também benéfica, assim como o sono.

Nossa personalidade, nosso ego não é o nosso corpo, que quando morre, ou seja, quando a nossa alma se afasta do corpo, este morre. Nossa alma, ao contrário, traz consigo o pensamento, a vida, a consciência de si mesmo.

Em suma, a morte é apenas o ponto de cruzamento de duas vidas, de uma que termina e de outra que começa.

É uma ressurreição. Em vez de a temer, devemos saudá-la e vê-la como uma libertadora. Agradecer-lhe por nos abrir as maravilhas deslumbrantes do outro mundo.

Costumamos chamar de sono eterno, pois consideramos apenas o

corpo, por isso é, ao contrário, o grande despertar. Os mortos não estão mortos, eles estão libertos.

E seus entes queridos que morreram no campo de batalha, assim como todos que foram vítimas aqui, encontram ao chegar na outra vida, as luminosas e vibrantes compensações.

Ore por seus mortos. Eles estão felizes, eles que não os deixam, não se sintam esquecidos.

Mas, vocês diriam, como podemos nos reconhecer no outro mundo, se abandonamos os nossos corpos na Terra? Não podemos ver a nossa alma. Não. Novamente, admiremos a sabedoria prudente do Criador. A alma é colocada em um corpo etéreo, imaterial, invisível, e é este envelope fluídico que nos liga ao nosso corpo material no momento do nascimento, para dar-lhe vida. Nosso corpo funciona como roupa exterior, é apenas uma máquina adaptada para seu papel na Terra. Este envelope etéreo é o verdadeiro "eu", é o intermediário obrigatório entre a alma invisível e o ser corporal. É o chamado perispírito ou corpo astral.

O perispírito é mais leve, menos material, mais luminoso. É ele que mantém a memória de todas as nossas existências e de todos os conhecimentos adquiridos. Nosso corpo terreno parece com ele, mas é apenas uma imagem mais grosseira, mais material. E vocês reconhecerão imediatamente nesta imagem mais leve, mais sutil, mais bela, todos as pessoas que vocês conheceram e amaram.

Nós só podemos aqui mencionar brevemente este vasto assunto, sobre o qual centenas de volumes foram escritos. Deixem-me apenas despertar em vocês, o dever piedoso de aproveitar seus dias na Terra, para encurtar seus sofrimentos. Ensine essas lições para seus

filhos. Quando eles souberem que nunca estão sozinhos, este desconhecido instilará o medo e um respeito que lhes orientará sua conduta moral, e sua consciência despertará para o sentimento de dever.

Lembrem-se que a oração é sempre ouvida.

Sejam bondosos, tolerantes, generosos e caridosos, especialmente bom para com os fracos e indefesos, para com as crianças e os animais. Vocês vão colher os frutos nesta vida mesmo.

Tratem qualquer pessoa idosa como se fossem seu pai e sua mãe; olhem toda pessoa de sua idade como um irmão ou irmã, e toda pessoa mais jovem que vocês, como seu filho.

Não se vinguem nunca. Vocês não serão mais culpados por Deus por julgarem. A mentira cai sobre aqueles que os ofendem e suas consciências vingarão melhor do que vocês poderiam fazer sozinhos.

Doem e perdoem, Deus irá recompensá-los cem vezes.

Os títulos, as honras, a fortuna, tudo isso permanece na Terra e não conta mais. Deus olha para as mãos puras e não para as mãos cheias; e se vocês seguem os preceitos acima, vocês poderão se apresentar a Ele com confiança.

